

HABITAT 4

Diretor: ARQ. LINA BO BARDI

SUMÁRIO

LINA BO	Primeiro: escolas
ANISIO TEIXEIRA	Um presagio de progresso
J. AMADEI	O que é o Convênio Escolar
HELIO DUARTE	O problema escolar e a arquitetura
	A arquitetura do Convênio Escolar
Z. CUNHA	Convite a colecionar Formas
P. M. BARDI	Musée hors des limites
	Toulouse - Lautrec no Museu de Arte
	Toulouse e o cartaz
	Novas aquisições (Golbert, Picasso, Constable)
F. KAROLY	Automatismo
TITO BATINI	A Senhora Odonais em águas do Amazonas
	Manaus, teatro
	Manaus, novidades
ADOLF LOOS	O escultor Zamoysky
	O retrato, a semelhança e a arte
ALENCASTRO	Arquitetura e religião
	SP 54
L. MORET	Album de fotografias
	Bailado: Cortizona para Terpsicore
F. BIAGI	Cinema: Necessitam-se artezaos
L'E.	Música: Angelicum
ALENCASTRO	



Fotografias: Chico Vizzoni, Peter Scheier, Marcel Cauthe-rot, Roberto Maia, Sacha Harnisch, Felipe Quar-tiermeister, Alice Brill, P. M. Bardi, F. Krauss, Gustav Werner, Marc Vaux, S. Londynski, André Kertész, Soichi Sunami, Matthiesen Ltd. Knoedler Ltd., Diarios Associados, Fredi Kleemann, Farabola, Publi-foto, Bruno Schuch, Zygmunt Haar, Jaques Pires, Foto Kurt, C. G. Stillman.

Diretor responsável: GERALDO N. SERRA
Propriedade: HABITAT EDITORA LTDA.
R. 7 de Abril, 230, 8.º, Sala 820, São Paulo

Administração e Publicidade:
HABITAT EDITORA LTDA.
R. 7 de abril, 230, 8.º, Sala 820, Fone, 34-4403

Assinatura (4 números anuais):
Brasil Cr\$ 150,00 Exterior ... US\$ 6,00
c/registro. Cr\$ 165,00 c/registro . US\$ 7,00
N.º avul. . Cr\$ 40,00 Exterior ... US\$ 1,75
N.º atraz. Cr\$ 60,00 Exterior ... US\$ 2,75

DISTRIBUIDORES NO RIO DE JANEIRO:
Livros de Portugal, Rua Gonçalves Dias, 62

Clichês: Funtimod - Fundação de Tipos Mo-
dernos S. A., Seção Clichéria, Rua Florêncio
de Abreu, 762, 2.º - Fone, 34-8773 - S. Paulo

Impressão: Empresa Gráfica Editôra
Guia Fiscal - Rua da Glória, 653, Fone, 3-3307
São Paulo, Brasil.

Primeiro: escolas

Começemos pelas escolas; se alguma coisa deve ser feita para "reformatar" os homens, a primeira coisa é "formá-los". O argumento é quase esgotado, avalanches de livros e opúsculos, os ecos de intermináveis discursos e preleções o acompanham; é natural que se deva começar pelas escolas, todos o sabem, é uma coisa adquirida, que como todas as coisas adquiridas passou logo para a rotina das coisas que não produzem mais efeitos. Fazer escolas, fazer escolas, fazer escolas, está bem, fazê-las, o fato enquadra-se em iniciativas abstratas, em retumbantes decisões ministeriais; falta o interesse ardente, falta a "dramaticidade" da coisa. E' necessário dramatizar o problema das escolas, torná-lo vivo, presente, cotidiano. O que é uma escola?

E' um lugar onde se ensina a ler e a escrever, onde se aprende a consultar o re-lógio e a contar o tempo, onde se aprende sobretudo a ser orgulhoso do próprio país, agradecendo todas as noites a Deus por nós haver feito nascer em X, em lugar de Y, cujos habitantes são notoriamente muito menos inteligentes que nós. Nas escolas estudam-se ainda, em ordem progressiva de tempo, muitas disciplinas, infinitas outras coisas, até o dia em que, ao deixar a escola, o complexo de todas estas coisas forma a bagagem, o viático para iniciar a viagem através da huma-nidade.

Como é a escola?

E' a ESCOLA; com o cheiro todo especial de escola, com aspecto de escola, fun-cionamento de escola, um conjunto de escola que por toda a vida lembrará a ESCOLA, com tentativas abortadas de jardim, janelas estreitas, corredores, e a Diretoria; com um professor ou professora incitando os alunos com um sistema de treinadores de cavalos de corrida, estimulados pela chegada, pela medalha, pelas fitas ou prêmios.

Aquêle cheiro de escola nos acompanha a vida toda, juntamente à bagagem-base de conhecimentos adquiridos que continuamos a pôr em prática, sem aplicar en-tretanto a própria capacidade de exame e de julgamento.

Diz-se: "Faço tal coisa porque é certo fazê-la, sempre a fiz, sei que é certo".

Por que é certo fazê-la?

Um dia a mente se detém e circunscreve e analisa esta coisa, volta ao tempo e à origem daquela convicção, daquela crença, e a origem está lá, muito longe, na escola, inculcada na escola, fortemente apoiada pelos pais que por sua vez sa-bem que é certo fazer esta coisa, porque é certo fazê-la, sem saber o porque; e a origem daquela convicção está ainda numa escola, ainda mais longínqua no tempo. Responsabilidade da escola: ao exame agudo e penetrante aquela con-vicção revela-se errada, capaz de produzir conseqüências inauditas. Mas de quem, então, dependem as escolas? E' um círculo vicioso: dependem dos homens que, por sua vez, devem ser formados em escolas.

Exprimimos o nosso pessimismo sobre a orientação geral das escolas baseados numa experiência pessoal longamente meditada. O nosso esforço maior foi o que fizemos para nós libertarmos de uma sobreestrutura cristalizada, de uma camisa de força formada, em nosso caso, por milênios de lugares comuns que, surgidos de esplêndidas renovações, tornam-se através da rotina dos séculos, lugares co-muns adquiridos, mortos.

Dissemos nosso esforço; quem escreve nasceu na Europa e pertence à geração criada na época das escolas otimístico-esportivas por excelência, na época das presunções heróicas. Todo aquêle castelo tinha sido preparado, antes de mais nada, nas escolas, palavra por palavra, fôlha por fôlha, nuance por nuance; aque-las crenças eram comodas, estavam ali firmes, como rochedos a resolver as situa-ções, defendendo idéias cómodas.

O esforço maior foi o de encontrar, não uma solução que evidentemente não era possível encontrar, mas uma maneira limpa de se adaptar aos fatos como suspei-távamos fossem na realidade — adaptar-se buscando com as próprias forças. E o esforço maior foi o de nos libertarmos da sobreestrutura cristalizada, formada por milênios de lugares comuns, e adquirida desde a escola.

Pensamos que uma solução possível — e pareceu-nos a única — fosse a humildade, e pensamos que talvez na perpetuação desta atitude ter-se-ia podido abolir o nascimento periódico de "dogmas" que, "verdadeiros" e brilhantes no instante do nascimento arrastam periodicamente os homens à catástrofe, transformando-se logo após em rotina adquirida e lugar comum.

Esta condição de humildade deve ser continuamente vivida e dramatizada para não se transformar ela própria em coisa adquirida, e o maior cuidado deve ser dedicado à formação da mentalidade "humilde", extremamente civil e "contra a natureza".

Acreditamos na possibilidade de evolução dos homens e na possibilidade de auto-aperfeiçoamento de cada ser humano.

A premissa para edifícios construídos em função de sedes escolares, à primeira vista, aparece transpor o problema arquitetônico, mas é pelo contrário a êle es-treitamente ligado. As escolas que apresentamos neste número são todas rigoro-samente atuais, expressas segundo as formas daquela arquitetura contemporânea que se inspira essencialmente no homem e na posição de "humildade" que men-cionamos. As formas que se expandem, que se ligam com o exterior, o jardim, as janelas largas, aquele ar de "não severidade", é o primeiro passo para a abo-lição de barreiras. A escola-fortim, gótica, normanda ou sem estilo mas com denominador comum de edifício-prisão, lembrando quase aos alunos que o es-tudo é um penoso dever, esta escola tornou-se longínqua e obsoleta. E o próprio fato que arquitetos modernos tenham sido chamados para projetar todas estas escolas, nos parece uma profecia.

Começemos pelas escolas e sobretudo começemos pela arquitetura.

LINA BO